

Branco sobre branco: diálogo entre Octavio Paz e Murilo Mendes

Prof. Me. Raimundo Carvalho
UFES

Estudo comparativo de *Blanco*, de Octavio Paz, e “Texto branco”, de Murilo Mendes, apresentado no Simpósio Sobre *hispanidad*, promovido em 1993 pelo DLL/UFES.

Quando fui convidado a participar deste evento que, parece, tem por objetivo fazer circular em nosso meio os valores da arte e da cultura de nossos vizinhos, os países de língua espanhola, pensei imediatamente em Octavio Paz, figura paradigmática do contexto hispano-americano que, ao lado de Borges e Cortázar, forjou a modernidade de sua literatura e a projetou no mundo. Em seguida, procurei em Octavio Paz aquele momento de sua escritura que desse uma melhor idéia de seu múltiplo fazer — obra extensa que vai da poesia à prosa ensaística, um universo que engloba desde reflexões sobre as culturas arcaicas do México pré-colombiano às formulações místico-filósicas da tradição oriental, balizada, logicamente, por aquilo que se convencionou chamar de cultura ocidental. *Blanco*, escrito em Délhi, em 1966, é o momento/monumento de culminância e convergência de uma atividade só aparentemente dispersiva.

Antes, porém, de entrar propriamente no objeto desta comunicação, creio ser instrutivo falar das dificuldades que encontrei, e ainda encontro, para penetrar-lhe. A primeira delas é que a poesia é um discurso irreduzível à prosa. A poesia não se explica, a poesia é o que é, e a melhor maneira de saber o que diz um poema é a sua leitura. O poema diz exatamente o que está dizendo, e a forma

como diz é parte inalienável deste dizer. Neste sentido, a poesia é tautológica: só outro poema pode ler com propriedade um poema. A outra dificuldade que se apresentou a mim é que, sendo Octavio Paz poeta-crítico, ele mesmo já tratou de abrir caminho ao leitor, fornecendo, em forma de notas e comentários, um roteiro seguro de interpretação e leitura do seu poema. Além disso, a crítica especializada já se debruçou sobre *Blanco* exaustivamente, deixando aquela sensação de que já foi dito tudo. No entanto, apesar desta sensação de exaustão, nada impede que mais uma voz se acrescente ao incessante diálogo que se formou em torno a *Blanco*, desde que depois consigamos re-instaurar o silêncio, atmosfera essencial para a sobrevivência e fruição do poema.

A este coro, vou acrescentar outras duas vozes: a minha, naturalmente, e a de outro poeta. Pretendo, neste tempo que me cabe, esboçar uma leitura comparativa de *Blanco*, de Octavio Paz e “Texto branco”, de Murilo Mendes, escrito também em 1966, como apresentação da exposição *Bianco + Bianco*, na Galeria do Obelisco, em Roma (cf. GUIMARÃES, 1993, p. 79).

O texto muriliano é composto de quatorze fragmentos, no seu costumeiro estilo de prosa telegráfica, concisa, direta e permeada de referências literárias, filosóficas e pictóricas. É uma reflexão sobre a cor branca e sua significação nos domínios da arte e da vida. Procurarei, portanto, a partir desses fragmentos tecer o “fio de Ariadne” que me permitirá adentrar no poema de Paz e descobrir as marcas de um diálogo tácito, sub-reptício, entre estes dois poetas, artífices máximos da modernidade. Assim, o texto em prosa do poeta brasileiro será utilizado como um mapa, orientando a construção do meu discurso crítico sobre o poema do mexicano. Passo à leitura de “Texto branco”:

- *Pintores, desenhistas, gravadores, escultores operam cada vez mais por meio da cor(?) branca, isolada.*

- *O branco: não somente a síntese das cores. Ainda reparo contra a retórica, o excesso, as insídias do gestual. Razão e medida.*
- *A idéia de isolar o branco repousa sobre o conceito de a) limite, b) rigor, c) disciplina.*
- *'Sur le vide papier que la blancheur defend', diz Mallarmé.*

Construir por exemplo um quadro em branco é:

*isolar
situar uma parede pura
animar
acender*

- *O branco mistura, separa, elimina. Corrige o temperamento do artista que tende a sobrepor-se à obra de arte.*
- *Nos labirintos côncavos e convexos de uma escultura ou de um quadro branco distingo cristais crescendo, a infância do diamante, a lâmina da espada que somente corta a água; surpreendo o solilóquio da cal, o braço de uma estrela dormindo, um espaço conciso.*
- *Branco é luz domada: dinâmica da nossa contemplação.*
- *Branco sobre branco: silêncio absoluto agindo.*
- *Segundo Klee: as infinitas graduações do branco; a energia branca; atingir pelo branco o arquétipo.*
- *Segundo Mondrian: a realização de um equilíbrio. O abstrato contido no esquema da vida real.*
- *Segundo o Zen, a cor branca conhece quem está diante dela.*
- *O centro de gravidade da meditação. O átomo puro. A paz.*

Já no primeiro momento, o que chama a atenção é a filiação comum dos textos de Paz e Murilo Mendes. Ambos têm sua matriz propulsora em Mallarmé. *Blanco* tem, como uma de suas

epígrafes, este verso do famoso **soneto em yx**: *Avec ce seul object dont le Néant s'honore*, que Augusto de Campos assim traduziu: “Com esse único ser que o Nada se honora”. A citação no texto muriliano é do soneto “Brise marine”. Mas, é no poema “Un coup de dés”, que Mallarmé vai operar iconicamente com a cor branca. Diz ele, no prefácio ao poema, que “os ‘brancos’ com efeito assumem importância, agridem de início, a versificação os exigiu como silêncio em derredor, até o ponto em que um fragmento lírico ou de poucos pés, ocupe, no centro, o terço mais ou menos da página” (apud CAMPOS, 1980, p. 151).

Comparemos essa citação com o comentário do próprio Paz: “O poema começa com um branco antes da linguagem, o silêncio antes do poema, e termina com o silêncio depois do poema” ou, ainda na expressão de Paz, “o branco antes de desembocar no branco (de atingir o alvo)” (apud CAMPOS et PAZ, 1993, p. 88). **Blanco** em espanhol é adjetivo indicando a cor branca, e também substantivo significando o alvo. Nos dois poemas o branco atua como motor operatório da escritura e como ícone do silêncio, expressão concreta da noção metafísica do Nada. Há em **Blanco** uma escala cromática que vai do amarelo ao vermelho, ao verde, ao azul, até chegar ao branco “síntese das cores”, no dizer de Murilo Mendes, ou “o silêncio final, a unidade”, no comentário de Paz.

As observações contidas em “Texto branco”, de Murilo Mendes, referem-se ao contexto das artes plásticas, artes essencialmente espaciais, mas isso não impede que as transportemos para o contexto da poesia, arte temporal, uma vez que na modernidade, busca-se abolir estas fronteiras, e o poema de Paz é, no seu próprio dizer, “uma tentativa no sentido de transformar o tempo em espaço”. **Blanco**, monumento vertical, absorve a simultaneidade do espaço branco, no qual germinam as palavras, não mais apenas sons que se sucedem no tempo, mas ícones a cintilar na superfície dinâmica da página.

O tema central de *Blanco* é o devir da linguagem. Nele, o poeta, munido de uma rigorosa linguagem substantiva (seqüências de frases quase sempre nominais), encena o aparecimento e desaparecimento do Ser e sua imersão no Nada, no silêncio. Cito, agora, parte do fragmento final do poema na elogiada tradução de Haroldo de Campos:

Se o mundo é real
A palavra é irreal
Se é real a palavra
O mundo
É a brecha o esplendor o remoinho
Não
As desapareições e as aparições
Sim
A árvore dos nomes
Real irreal
São palavras
Ar som são nada
A fala
Irreal
Dá realidade ao silêncio
Calar
É um tecido de linguagem
Silêncio
Selo
Centelha
Na fronte
Nos lábios
Antes de evaporar-se
Aparições e desapareições
A realidade e suas ressurreições
O silêncio repousa na fala

Ao erigir a linguagem como tema central em *Blanco*, o poeta lança sobre o mundo, realidade feita de luz e sombra, um olhar interrogativo que capta a fugidia aparência/transparência das coisas, dos objetos, dos elementos primordiais (arquétipos), fogo, água, terra e ar. Ao lançar seu olhar, o poeta também procura, auto-reflexivamente, captá-lo através da alusão às operações mentais que o enformam: a sensação, a percepção, a imaginação e o entendimento.

Assim, vigilante e visionário, o poeta de *Blanco* enquadra, no drama da linguagem, a História e os incidentes mínimos concomitantes ao ato da escrita. Não abole do seu discurso o acaso e a paixão. Como expressa a epígrafe tântrica do poema, paixão que limita e libera o mundo. Trata-se de paixão pelo rigor das idéias, pela ambigüidade das palavras e pela sedução dos ritmos e das imagens.

Referências bibliográficas

- CAMPOS, Augusto de *et alii*. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
CAMPOS, Haroldo de e PAZ, Octavio. *Transblanco*. São Paulo: Siciliano, 1994.
MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
GUIMARÃES, Júlio C. *Territórios / Conjunções*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.